

## O que resta de Nietzsche ou Narizinho no espelho – Parte II

*What's left of Nietzsche or Little Nose in the mirror – Part II*

Henry Burnett<sup>1</sup>

### Resumo

Partindo da ideia de que Monteiro Lobato inovou a literatura brasileira através da renovação dos temas e da forma de expressão, o artigo acompanha a crítica de Oswald de Andrade ao autor de *Urupês* tendo os procedimentos estilísticos de Nietzsche em pano de fundo, considerando que ambos foram declaradamente influenciados pelo filósofo. Para isso, analisaremos tanto os textos críticos de Oswald quanto alguns livros de Lobato, sobretudo *O Picapau Amarelo: o Sítio de Dona Benta, um mundo de verdade e mentira*, além de referenciar algumas obras de Nietzsche.

**Palavras-chave:** Nietzsche. Monteiro Lobato. Literatura brasileira. Recepção. Modernismo.

### Abstract

Based on the idea that Monteiro Lobato innovated Brazilian literature through the renewal of themes and form of expression, the article follows Oswald de Andrade's criticism of the author of *Urupês* with Nietzsche's stylistic procedures in the background, considering that both were reportedly influenced by the philosopher. For this, we will analyze both critical texts by Oswald and some books by Lobato, especially *O Picapau Amarelo: Sítio de Dona Benta, um mundo de verdade e mentira*, in addition to referring to some of Nietzsche's works.

**Keywords:** Nietzsche. Monteiro Lobato. Brazilian literature. Reception. Modernism.

---

### 1.

Mostrei, na primeira parte deste estudo, como Monteiro Lobato devia parte significativa de sua formação intelectual às leituras da obra de Nietzsche, desde os seus primeiros movimentos intelectuais, entrando na casa dos vinte anos, até um depoimento autobiográfico concedido perto de sua morte. Da mesma forma, percebemos que esse quadro, que pode soar um tanto inusitado aos desavisados, não se conclui através de qualquer

---

<sup>1</sup> Professor livre-docente do departamento de filosofia da EFLCH/UNIFESP. Este artigo é parte do projeto de pesquisa “Metafísica, Linguagem, Arte e Ciência: ecos nietzscheanos, pensamentos nacionais”, financiado pelo CNPq através da Bolsa de Produtividade. Guarulhos, SP, Brasil. E-mail: henry.burnett@unifesp.br

dedução, mas a partir das próprias palavras do escritor.<sup>2</sup> Gostaria de tomar aqui uma direção ligeiramente distinta, tentando ler a obra de Monteiro Lobato a partir da avaliação insuspeita de Oswald de Andrade, que, mesmo sabendo das dissensões entre Lobato e o Modernismo em torno da Semana de Arte Moderna, sobretudo depois de uma crítica de Lobato a uma exposição de Anita Malfatti, não deixou de registrar o lugar ocupado pelo escritor na revolução de nossas letras no início do século XX. Em uma passagem importante de “O modernismo”, Oswald afirmava:

Foi em Lobato que a renovação teve de fato o seu impulso básico. Ele apresentava, enfim, uma prosa nova. Sua curiosidade como sua cultura, ambas limitadas, não lhe permitiam ir além do seu esforço pessoal. Talvez tivesse receio de se encantar no movimento modernista. Isso trazia, sem dúvida, responsabilidades culturais. Era para homens que haviam sofrido Paris na pele como eu, Di Cavalcanti, Sérgio Milliet (ANDRADE, 2011e, p. 188-189).

Este texto, publicado em *Anhembi*, data de 1954, ou seja, mais de três décadas após a Semana de 1922. A tensão entre a modernidade estética e os limites culturais de Monteiro Lobato é claramente exposta a partir do que o escritor possuía, mas também do que lhe faltava no jogo entre tradição e modernidade que tanto mobilizou Oswald e seus pares. Talvez devêssemos falar em uma modernidade capenga (?), mas no caso do autor das *Reinações de Narizinho* seu passo à frente foi orientado a partir de duas perspectivas inovadoras: o *tema* e a *expressão*, como informava o próprio Oswald. É sobre esses dois tópicos que gostaria de me deter.

Em primeiro lugar, a afirmação grave de 1954 não parece ter sido uma formulação tardia, algo como uma reparação. Já em 1922, no texto “O futurismo tem tendências clássicas”, Oswald se referia a Monteiro Lobato de modo inequívoco: “Já que Monteiro Lobato não quis continuar a sua atitude inicial, que foi um estouro nos arraiais bambos da estética paulista, façamos nós a revolução heroica e forcemos o andar lerdo dos intelectuais brasileiros” (ANDRADE, 2011a, p. 33). Lobato, se minha leitura de Oswald estiver correta, teria rejeitado os arroubos transgressores do Modernismo de 1922, mas não a modernidade literária, isto é, o aprimoramento de sua prosa em novas direções, movimento já posto em cena antes mesmo de 1922, como se deduz das observações de Oswald. É preciso entender

---

<sup>2</sup> Ver a primeira parte deste estudo: BURNETT, Henry. O que resta de Nietzsche ou Narizinho no espelho / What's Left of Nietzsche or Little Nose in the Mirror. **O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira**, [S.l.], v. 30, n. 1, p. 6-30, mar. 2021. ISSN 2358-9787. Disponível em: <[http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o\\_eixo\\_ea\\_roda/article/view/17147](http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/17147)>. Acesso em: 06 abr. 2021. doi:<http://dx.doi.org/10.17851/2358-9787.30.1.6-30>, onde analisei as referências de Lobato a Nietzsche no volume de sua correspondência com Godofredo Rangel, recolhida em *A barca de Gleire*. São Paulo: Globo, 2010.

esse jogo de modo atento porque ele envolve outros fatores importantes como a modernidade e a formação do caráter cultural brasileiro em geral.

Façamos um salto para 1949. Oswald de Andrade, em uma conferência chamada “Novas dimensões da poesia”, depois de afirmar que “nossas tarefas foram gigantescas” e que aquele era o momento (em 1949) de “fixar como pioneiros: na prosa Monteiro Lobato e na poesia Mário de Andrade” (ANDRADE, 2011d, p. 170), diz o seguinte aos que foram ouvi-lo no Museu de Arte Moderna de São Paulo:

No patamar da nova poesia, “onde um dragão guarda os tesouros do amor” e “a felicidade persiste sobre o abismo negro” e “a serenidade é o prefácio da morte”, está a agitação tempestuosa de Nietzsche.// A nova poesia restaura o reino da criança, do primitivo e do louco. Ouçamos Nietzsche... // O poeta e a criança, o primitivo e o louco, tudo isso é também o povo (ANDRADE, 2011, p. 171).

A “agitação tempestuosa” de Nietzsche, de muitas maneiras, é o liame que tudo interliga nessas considerações que organizo a partir da penetração surda de Nietzsche na modernização das letras e das artes no Brasil, sobretudo a partir da primeira metade do século XX, quando sua recepção se intensifica entre nós. Oswald, um dos melhores leitores do filósofo em nossa história literária, parece acreditar que vem dele, Nietzsche, o movimento fundamental de transformação que tudo abarca e que resvala sobre nós. A partir dessa ideia nada simplória, me parece ainda mais eloquente que a obra de Monteiro Lobato seja, em quase todas as referências de Oswald sobre o quadro geral das letras naquele início de século, incontornável. A que se deve esse lugar destacado de um escritor paradoxal, ainda hoje lido de maneiras antagônicas, como é o caso de Monteiro Lobato, no quadro de avaliação quase sempre positivo construído e alimentado por Oswald de Andrade durante várias décadas?

Em primeiro lugar é preciso dizer que o modo como esse retorno ao infantil se configura em diálogo com a tradição e contra os ares conservadores não é tarefa de fácil explicação. Leiamos uma passagem importante de um artigo de José Paulo Paes chamado “Cinco livros do Modernismo brasileiro”, nele é possível perceber parte do que estava em jogo naquilo que Oswald chamava de retorno ao “reino da criança”:

Curioso observar que, no Modernismo brasileiro, a volta ao primitivismo e ao infantil configurava um itinerário inverso ao dos seus modelos estrangeiros. Por ter como motivação o fastio, quando não a desistência dos valores da civilização ocidental, o primitivismo das vanguardas europeias punha à mostra o seu caráter de fuga ao familiar rumo ao exótico. O dos modernistas brasileiros de 22 significava, ao contrário, a busca das raízes remotas, e supostamente mais autênticas, de sua própria cultura (PAES, 1988, p. 90).

A síntese de José Paulo Paes pode ser lida em chave dupla, primeiro porque não acho que possamos falar *no* Modernismo de 1922, mas *nos* modernistas, e é por ser múltiplo que o

legado do movimento não expressa um programa comum. Numa síntese bastante grosseira, podemos dizer que o retorno ao supostamente mais autêntico em Mário de Andrade passava pela coleta e tratamento de vasto material sonoro e poético recolhido na cultura popular, em diversas manifestações que registrou pelo Brasil. Essa “arte bruta” seria a base de um programa de nacionalização cultural, a partir do que considero uma estetização forçada, ainda que bem intencionada. Já Oswald de Andrade também se voltou para o popular, mas preferia os cordões carnavalescos de Botafogo e o “ocre nos verdes da Favela”, nas palavras dele no *Manifesto da Poesia Pau Brasil* (ANDRADE, 2011, p. 59), com a antropofagia deglutindo e regurgitando tudo ao mesmo tempo. A diferença é grande e só podemos entender plenamente essa distinção entre o que era popular para um e outro se recorrermos à covardia do exemplo, ainda assim sem muita garantia.

Mesmo sem levar adiante o projeto pessoal de Mário de Andrade em toda sua complexidade, podemos considerar que todo edital de fomento à cultura que mencione termos como “conservação”, “preservação”, “resgate” de nossa “cultura” é, por princípio, marioandradiano. Quando digo que esses programas não levam adiante a ideia original do musicólogo me refiro à falta de intenção de “reordenar”, “normatizar” ou “redirecionar” esse material, como ele ambicionava muitas vezes; os editais e produções atuais tendem a respeitar essas produções “tal como elas são”, isto é, dentro de seus contextos de origem com forma e conteúdo intactos, se for o caso – veja-se, por exemplo, o projeto Sonora Brasil, do SESC TV, sobretudo os registros realizados nas manifestações coletadas no interior do Brasil, como é o caso do episódio “Tambores e Batuques: Grupo Samba de Cacete da Vacaria”, registrado em Cameté (PA). No outro lado, o tropicalismo, a poesia concreta, o manguebeat, o *rap*, o *hip-hop* e quaisquer ensaios que envolvam a experiência estética brasileira a partir de referenciais estranhos à matéria básica do que se chama muitas vezes licenciosamente de “brasilidade” são, cada um a seu modo, antropofágicos e resultam no que podemos considerar nossa “vanguarda em movimento”. Não sendo uma regra geral, esse esquema pode ajudar a entender algumas questões mais recuadas de nossa formação cultural e alguns dos antídotos produzidos no seu interior.

## 2.

O termo *infantil*, entre Lobato, Nietzsche e o Modernismo de 1922, não é semanticamente o mesmo, embora, como vimos, seja Oswald quem esteja atribuindo a Lobato tal característica comum, tornando o jogo mais complexo. Afinal, que infância buscavam os modernistas de 1922 e à qual retornou Lobato em sua obra literária infanto-juvenil? A fábula?

O conto clássico? A “técnica” de incorporar personagens clássicos às histórias do famoso sítio, fundindo tradições populares distintas, ou Lobato teria forjado um gênero híbrido entre a adaptação e a criação, ao incorporar personagens e narrativas clássicas às suas próprias narrativas originais? Sob qualquer ângulo, ninguém poderia dizer que as personagens de Lobato guardem semelhança com, por exemplo, Macunaíma; essa diferença óbvia permite visualizar que a novidade trazida por Lobato guarda autonomia em relação ao que seria levado a cabo por Mário de Andrade em sua rapsódia. Importante lembrar que parte da chamada obra adulta de Lobato é anterior à criação do Sítio do Picapau Amarelo, ou pelo menos podemos dizer que sua criação correu quase em paralelo; *Urupês* é de 1918, *A menina do narizinho arrebitado* é de 1920. Não apenas isso. De várias maneiras são obras que pouco ou nada se comunicam. *O presidente negro*, escrito em 1926, permanece um romance de difícil classificação, embora o paradoxo ético que encontramos em outras obras também esteja nele de modo superexposto.<sup>3</sup> A literatura infantil de Lobato resistiu ao tempo, mas vários fatores contribuíram para isso. Ele praticamente inaugura a literatura infantil brasileira, ou a leva a um patamar inédito. Ana Maria Machado (PENTEADO, 2011, p. 9), escritora assinalada de livros infantis, se refere assim ao legado lobatiano: “[...] filhos de Lobato somos todos. Uma geração inteira, e não apenas um grupo de escritores”.

De fato, Oswald de Andrade, pela proximidade e pelo lugar singular que ocupa ainda hoje, permanece como um crítico potente do legado de seu amigo Monteiro Lobato. Silviano Santiago elenca cinco desafetos de Oswald em *Ponta de lança*: Monteiro Lobato, Léo Vaz, Cassiano Ricardo, José Lins do Rêgo e Otto Maria Carpeaux, mas afirma: “Dos cinco adversários acima mencionados, Monteiro Lobato é quem sai menos machucado do ringue” (SANTIAGO, 2019, p. 490). Santiago vai apontar nesse quadro uma crítica contundente de Oswald a Lobato. O poeta do *Pau Brasil* “relembra ao antigo e xenófobo Lobato os velhos tempos em que o criticava por não estar atento à oposição entre o Jeca Tatu e o avião, oposição que, se aceita, marcaria a admissão do Brasil no mundo moderno e a entrada no país da estética futurista” (SANTIAGO, 2019, p. 490). Para Oswald, Lobato estaria sempre “fora de sua época”, ainda que “parcialmente correto” (SANTIAGO, 2019, p. 490). Silviano Santiago esclarece a tensão dialética entre nacionalismo e cosmopolitismo:

---

<sup>3</sup> O que chamo aqui de paradoxo ético diz respeito a uma oscilação recorrente na obra de Lobato, que em muitos momentos parece francamente filiada a fatos e histórias culturais onde a miscigenação é antes um elemento positivo que um fator de empobrecimento, como Lobato teria defendido sobretudo em suas notas pessoais e cartas onde se declarava simpático à eugenia. Não é um tema simples, e dentro dos limites de um artigo tentarei discutir alguns pontos que se apresentaram no debate recente, infelizmente de modo maniqueísta.

[...] é preciso e contundente o achado que Oswald encontra para sintetizar o dilema atual do criador do Jeca: “Trava-se uma luta entre Tarzan e Emília”, e continua: “A aparição histórica de Hitler fez todos os sucedâneos do homem primitivo saírem da caverna, tomarem corpo blindado e lutarem”. O menino de 1944 lê histórias em quadrinhos e vê, projetada na tela do cinema, a série *Império submarino*. Não adiantam as boas intenções nacionalistas de Lobato ao idealizar o bucólico Sítio do Pica-Pau Amarelo. Diante do assalto da cultura de massa norte-americana, nem o super-homem de Nietzsche não pode com o super-homem do gibi, ironiza Oswald em uniforme de combate (SANTIAGO, 2019, p. 492).

Na “Carta a Monteiro Lobato”, exatamente no trecho que Santiago comenta, Oswald de Andrade mantém certa ambiguidade em relação ao amigo coetâneo, eis o trecho completo:

E mal suspeitávamos – eu e você e os outros frequentadores daquele refúgio da cidade [a garçonnière de Oswald], que nos aparecia vulcânica nos tímpanos ainda recente da Light and Power – que uma oposição começava entre o seu livro e o avião. Hoje, passados cinco lustros, é você quem reclama a sua parte gloriosa na recuperação da nacionalidade que alguns daqueles moços iam arduamente tentar nas lutas da literatura. E lendo a frase de sua entrevista: “Os fatos mostram que o verdadeiro Marco Zero de Oswald de Andrade é esse livro”, não venho retificar e sim esclarecer. De fato, *Urupês* é anterior ao *Pau Brasil* e à obra de Gilberto Freyre (ANDRADE, 2004, p. 50).

O comentário de Silviano Santiago nos auxilia a dissipar qualquer dúvida sobre a tensão da crítica de Oswald em relação a Monteiro Lobato. De fato, o poeta não acredita que Lobato pudesse equacionar as necessidades da arte naquele momento. Restaria sempre um anacronismo na base de sua obra. Todavia, Oswald não poderia imaginar o nível de acomodação do Sítio do Picapau Amarelo à TV e a perenidade de suas múltiplas adaptações, desde os atores de carne e osso a partir da década de 1950 até os desenhos animados produzidos por computação gráfica de hoje. Não havia afinal uma incompatibilidade entre o mundo rural lobatiano e a televisão de massa. A popularidade da adaptação televisiva certamente fazia frente ao universo das HQ’s importadas; fica a dúvida sobre Oswald ter ou não assistido à primeira adaptação do Sítio para a televisão dois anos antes de sua morte.<sup>4</sup>

Seria o caso de dizer que entre o Jeca Tatu e o universo do sítio Lobato deu um salto tanto na forma quanto no conteúdo? Considerando que Silviano Santiago registra a ideia oswaldiana de uma inadequação do Jeca como defesa diante da invasão tecnicista, seria o caso de, nas palavras de Oswald (*apud* SANTIAGO, 2019, p. 492), refazer “o milagre da resistência d’*Os sertões* que Euclides apontou como penhor e flecha da independência viril do nosso povo”, o que entendo como uma defesa da resistência canudense, com seus sertanejos

<sup>4</sup> Sobre as primeiras adaptações para a televisão, ver: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/infantojuvenil/sitio-do-picapau-amarelo-1a-versao/> (Período de exibição: 07/03/1977–31/01/1986) e <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/infantojuvenil/sitio-do-picapau-amarelo-2a-versao/> (Período de exibição: 12/10/2001 – 07/12/2007 (Acesso: 08.12.2020)). A primeira adaptação para a televisão foi em 1951, na TV Tupi; a partir de 1964 passou a ser exibido na TV Cultura de São Paulo; em 1967 migrou para a TV Bandeirantes, todas antes que chegasse à Rede Globo.

de carne, osso e sonho, em todos os sentidos mais potentes de o que Jeca idealizado. Todavia, os problemas não terminam aqui, porque nem de longe as personagens do universo infantil de Lobato guardam um pendor político óbvio, algo que os possa aproximar da resistência dos canadenses à modernidade (sinônimo enviesado da República então ainda recente) tal como registrada por Euclides da Cunha. A emancipação em Lobato não é política, mas estética.

A ambiguidade de Lobato em diversos assuntos de cunho político e cultural permanece ainda hoje um dos grandes desafios para quem o revisita. A defesa da eugenia, tal como lemos em algumas cartas ou como se apresenta em seu único romance para adultos, *O presidente negro*, parece incompatível com um conto como “Negrinha”, de franca denúncia contra os efeitos do racismo – linha de interpretação que também não é unânime. Afinal vale o pressuposto de separar homem e obra nesse caso e assim desviar questões mais graves? Talvez o melhor (ou único?) caminho possível seja visitar sua obra sob outra perspectiva. Se a obra de Lobato se inscreve num momento de auto-esclarecimento de nossa literatura, se Nietzsche lhe emprestou as armas para o reconhecimento da singularidade nacional, se é preciso enfrentar suas ambiguidades sem temer paradoxos insolúveis, nossa tarefa é ler alguns de seus textos novamente pela primeira vez.

### 3.

“– É grave! – exclamou. – A senhora Condessa está sofrendo duma anemia macelar no pernil barrigoide esquerdo. Caso muito sério.

– E que receita, Doutor? Pílula de sapo outra vez? – indagou a menina.

– Esta doença – explicou o grande médico – só pode sarar com um regime de superalimentação local.

– Alimentação macelar, eu sei – disse a menina rindo-se da ciência do Doutor. – Tia Nastácia sabe aplicar esse remédio muito bem. Em dois minutos, com um bocado de macela e uma agulha com linha ela cura Emília para o resto da vida.

– Tia Nastácia! – exclamou o médico escandalizado. – Com certeza é alguma curandeira vulgar! Macela! Alguma mezinha vulgar também! Oh, santa ignorância! Admira-me ver uma princesa tão ilustre desprezar assim a ciência de um verdadeiro discípulo de Hipócrates e entregar a Condessa aos cuidados duma reles curandeira!...

– Reles curandeira? – exclamou a menina indignada. – Chama então Nastácia de reles curandeira? Se tem algum amor à casca, retire-se, senhor cascudo, antes que eu faça o que fiz para a tal Dona Carochinha. Reles curandeira! Já viu, Emília, um desaforo maior?” (LOBATO, 2019, p. 56)

No mesmo livro onde Emília nomeia Tia Nastácia como “negra beicuda” (LOBATO, 2019, p. 51), *Reinações de Narizinho*, o autor faz dela a guardiã dos saberes da medicina popular, mormente ligada às vivências dos índios e dos negros, bem antes que a medicina tradicional precisasse se curvar às confirmações científicas sobre aquela e colocasse no mercado, com destaque, os medicamentos fitoterápicos – o exemplo é pobre, mas a ironia é inescapável. Se as elites brasileiras teimavam em chamar as filhas e netas de escravizados de

maneira pejorativa e racista – como ainda hoje o fazem, embora de modo mais particular e privado já que legalmente os tempos são outros – Lobato não escondeu isso em seus livros infantis; que não se reduzem, entretanto, a esse viés, salvo engano.

Embora nosso tema apenas tangencialmente aborde a questão (recente?) do racismo de e nas obras de Monteiro Lobato, é preciso entender algo que julgo importante: ser racista (e até mesmo eugenista, como ele) não era anormal em países como os Estados Unidos e o Brasil da época, para ficar em dois exemplos, e hoje pode ser motivo até mesmo de orgulho, passados cem anos, quando nossa até então semioculta personalidade autoritária encontrou um líder medíocre cujo paradigma a história já consagrou tenta expurgar, mas que segue assombrando a humanidade em diversos países como um tipo reincidente. A chaga da escravidão “permanecerá por muito tempo como a característica nacional do Brasil” (NABUCO, 1998, p. 183), e isso, como é forçoso lembrar, não era futurologia de Joaquim Nabuco, mas uma interpretação precisa da força do escravismo durante e depois de sua abolição oficial. Monteiro Lobato encarnou como “seu filósofo”, Nietzsche, os paradoxos de sua época, o que não inviabiliza o reavivamento de sua obra tanto no plano de uma leitura crítica quanto de outra francamente ingênua, como a que pretende corrigir o racismo manifesto em vários livros simplesmente cortando trechos incômodos. Imaginemos por um momento algum descendente de Euclides da Cunha limpando *Os sertões* de seus comprometimentos cientificistas toda vez que a ideia de “sub-raças” aparecesse na obra. Não é o caso, aqui, de listar todas as passagens onde o lugar da personagem tia Nastácia, ou do Saci, surgem na obra de maneira francamente oposta, pois há quem o faça com precisão e mais propriedade.<sup>5</sup>

Há sem dúvida inúmeros caminhos de leitura possíveis dos livros infantis de Lobato, entre eles o lugar do mito e das narrativas fantásticas. Este é o ponto central deste texto. Um deles, em especial, serve aqui como uma fonte rica em elementos temáticos e expressivos, para falar como Oswald: *O Picapau Amarelo: um mundo de verdade e de mentira*, publicado originalmente em 1939 (cf. GÊNOVA, 2009). Já desde o título o jogo entre verdade e mentira não é escamoteado, mas fundido. Ilusão e realidade são assim parte de uma mesma estrutura, que já é apresentada desde as primeiras páginas, num lance introdutório brilhante: “[...] o Mundo da Fábula não é realmente nenhum mundo de mentira, pois o que existe na imaginação de milhões e milhões de crianças é tão real como as páginas deste livro”

---

<sup>5</sup> Ver o excelente texto de Cilza Bignotto na Folha de S. Paulo, “Acusado de racismo, Lobato transformou o Saci no primeiro herói negro para crianças no Brasil” [<https://folha.com/fm4j3ewi>, Acesso em: 19.02.2021].



(LOBATO, 2020, p. 9). Mobilizando algumas das mais reconhecidas narrativas fabulosas da história da literatura (as dos irmãos Grimm, as histórias do Barão de Münchhausen, as Mil e uma noites, entre várias outras), fundindo-as dentro do universo mítico-rural do Sítio – sua autoral fábula brasileira moderna –, Lobato defende a percepção da criança como uma singularidade, que tende a se perder na idade adulta: “O que se dá é que as crianças logo que se transformam em gente grande fingem não mais acreditar no que acreditavam” (LOBATO, 2020, p. 9). Tema e expressão quase não se separam, pois a orientação ao leitor vai se sustentar na tessitura narrativa, numa fusão de mitos, ainda que não haja rupturas de linguagem ao modo oswaldiano; eis uma das dissensões mais nítidas com o Modernismo de 1922.

Suas leituras de Nietzsche começam a ganhar sólida relevância para nossa interpretação, sobretudo um dos livros mais lidos do filósofo na primeira metade do século XX, *Assim falou Zaratustra*. Nos chamados discursos de Zaratustra, quando o profeta nietzscheano inicia seu caminho – verdadeira odisséia de peregrinação – ainda na primeira seção do livro, “Das três metamorfoses”, a imagem surge inequívoca: “Inocência é a criança, e esquecimento; um novo começo, um jogo, uma roda a girar por si mesma, um primeiro movimento, um sagrado dizer-sim. [...] para o jogo da criação, meus irmãos, é preciso um sagrado dizer-sim” (ZA I Das três metamorfoses).

Aqui não se trata de criar um comparativo, um paralelismo comum nesse tipo de leitura, sobretudo porque, fora da correspondência e de textos ensaísticos, Monteiro Lobato nunca cita Nietzsche, como o faz de modo recorrente com autores consagrados do espaço literário, destilados e integrados aos seus livros infantis; e nem precisaria. Nietzsche não é uma referência exatamente, mas um princípio moral incorporado. Intencionalidade filosófica certamente há, mas não didatismo. Como em Nietzsche, ser criança é um estado, ou antes um aprimoramento do espírito: “Três metamorfoses do espírito eu vos mencionei: como o espírito se tornou camelo, o camelo se tornou leão e o leão, por fim, criança - -” (ZA I Das três metamorfoses). Os adultos, diz o narrador lobatiano, “[...] acreditam em mil coisas que seus olhos não veem, nem o nariz cheira, nem os ouvidos ouvem, nem as mãos pegam” (LOBATO, 2020, p. 10). O exemplo de Narizinho não poderia ser mais direto: “Deus, por exemplo” (LOBATO, 2020, p. 10).

Um leitor afoito talvez considere o exemplo banal, “para criança entender”, mas na sequência o que encontramos n’A cartinha do Polegar é mais amplo: “E ainda acreditam na Justiça, na Civilização, na Bondade [...] se as coisas do Mundo da Fábula não existem, então também não existem nem Deus, nem a Justiça, nem a Bondade, nem a Civilização”

(LOBATO, 2020, p. 10). A superioridade da criança não se dá apenas na capacidade de fabular ela mesma, de mimetizar, como disse Aristóteles,<sup>6</sup> mas de viver a ilusão de modo pleno, antes da submissão à normatividade adulta, onde a ilusão é resignada e não mais vívida, como na infância. Na fórmula de Nietzsche: “Não riais desses casamentos. Que criança não teria motivo para chorar por seus pais?” (ZA I Dos filhos e do matrimônio).

Em ambos a infância é o momento revelador, onde a razão instrumental não impera e, por isso, tudo é permitido, mas não apenas isso. Penso que para ambos a criança mantém a capacidade inconsciente do ocultamento, antídoto eficaz contra a maturidade, o peso da existência, representadas n’*A gaia ciência* pela figura do filósofo:

*Onde começa o bem.* – Ali onde a pequena capacidade da visão já não enxerga o mau impulso, devido à sua extrema sutileza, o homem situa o reino do bem, e a sensação de haver penetrado o reino do bem excita igualmente os impulsos todos que eram ameaçados e limitados pelos impulsos maus, como o sentimento de segurança, de bem-estar, de benevolência. Portanto: quanto mais obtuso o olhar, mais extenso é o bem! Daí a perene alegria do povo e das crianças! Daí o humor sombrio e o pesar, relacionado à má consciência, dos grandes pensadores! (GC 53).

A crença se revela como uma potência afirmativa, mas ao revés da crença nos valores secularmente assentados, por isso o olhar obtuso das crianças, na medida em que lhes falta a inteligência adulta, resulta justamente em um olhar mais agudo, mais afirmativo, porque a ilusão impera no lugar dos falsos ídolos da metafísica, tomada esta palavra no mesmo sentido que Giorgio Agamben a emprega na conferência “A ideia da linguagem”, precisamente no trecho em que está analisando a frase “Deus está morto”, sentença ética máxima de Nietzsche:

O que as gerações passadas pensaram como Deus, ser, espírito, inconsciente nós vemos pela primeira vez limpidamente o que são: nomes da linguagem. Por isso, toda filosofia, toda religião e todo saber que não tenha tomado consciência dessa virada pertence para nós irrevogavelmente ao passado. Os véus que a teologia, a ontologia e a psicologia estenderam sobre o humano estão agora retirados e restituídos, um a um, a seu lugar próprio na linguagem. Sem véus, olhamos agora a linguagem, que expulsou de si todo divino, todo indizível: inteiramente revelada, absolutamente no princípio. (AGAMBEN, 2017, p. 30).

Portanto, o anúncio da morte de Deus jamais deveria ser lido como uma sentença antirreligiosa. No fundo ela é uma sentença antimetafísica, e a metafísica é toda crença assentada na obediência da razão à si mesma (a filosofia, a ciência, a religião etc.), mesmo que, em muitos casos, essa crença autocentrada seja apenas uma máscara que autoriza fugir da

---

<sup>6</sup> “Imiter est en effet, dès leur enfance, une tendance naturelle aux hommes” (ARISTOTE, 1990, p. 88); ou na tradução de Jaime Bruna: “Imitar é natural ao homem desde a infância” (ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO, 1997, p. 21).

vida em sua integralidade. Por isso o retorno à infância e ao mito em pleno século XIX-XX, em Nietzsche e depois em Lobato, não passa de uma tentativa de reencontrar a linguagem, o deus impalpável do homem moderno consciente dentro do desamparo de sua solidão.

Inserir esse movimento de pensamento através da obra lobatiana é um grande risco, porque embora Lobato estivesse razoavelmente informado sobre a história das ideias, ele criou esse universo mítico-infantil imerso em uma realidade diversa daquela onde Nietzsche se movimentou – ainda mergulhado em um espaço eurocêntrico de debate –, além do fato de podermos flagrar sem muito esforço uma responsabilidade ética frágil do ponto de vista histórico em nosso escritor pré-modernista, um realismo sem culpa. As contradições inevitáveis da grave ruptura nietzscheana apareceriam potencializadas no espaço brasileiro onde se movimentou Monteiro Lobato, que, a seu modo, também poderia ser diagnosticado a partir do célebre ensaio de Roberto Schwarz, pois o que é o Sítio do Picapau Amarelo senão um espaço de liberdade plena onde os ranços do escravagismo se deixam ver de modo tão pronunciado?

Dentro desse quadro, não esqueçamos que o anúncio da morte de Deus não é feito por um homem qualquer, mas pelo *tolle Mensch*, o homem louco, no aforismo 125 de *A gaia ciência*. O homem comum (para Nietzsche, o moderno) não chegaria a essa conclusão por si, como até hoje não chegou (a fé, diríamos hoje, *destrói montanhas*). Emília, a boneca genial e preconceituosa (novamente liberdade e estupidez placidamente combinadas), diante da necessidade de abrigar Dom Quixote na nova organização do Sítio – para onde mudaram todos os personagens do mundo literário –, e já que ele não encontra um similar às hospedarias do romance original sendo, portanto, necessário encontrar um castelo qualquer, a boneca não hesita: “– Seria no meu, se eu fosse princesa – disse Emília. – Acho Dom Quixote o suco dos sucos. A loucura chegou ali e parou. *Adoro os loucos. São as únicas gentes interessantes que há no mundo*” (LOBATO, 2020, p. 40, grifo meu).

*O Picapau Amarelo* é um desses livros ficcionais que resguardam em suas páginas esses pequenos núcleos de ensinamento. Os exemplos são incontáveis, como sabemos. Isso é um dado importante para o leitor de Monteiro Lobato, saber que havia um propósito educador que perpassava toda sua obra literária, nem sempre nobre, é verdade, mas sempre paradoxal e provocadora. Considero aqui quase dispensável apontar as incorporações que Lobato fez da obra e dos ensinamentos de Nietzsche, seu filósofo de preferência. Como vimos acima, o livro sugere já na sua abertura um caminho entre o real e o imaginado, entre verdade e ilusão. A proposição é, no entanto, radicalizada à medida em que avançamos sobre a obra.

Quando Dom Quixote se defronta com o romance de sua vida, folheia o livro com curiosidade, aprecia as ilustrações de Gustave Doré, as quais “achou ótimas, porém falsas” (LOBATO, 2020, p. 50) e não resiste:

– Isso não passa duma mistificação! – protestou ele. – Esta cena aqui, por exemplo. Está errada. Eu não espetei este frade, como o desenhista pintou – espetei aquele lá.  
 – Isto é inevitável – disse Dona Benta. – Os historiadores costumam arranjar os fatos do modo mais cômodo para eles; por isso a História não passa de histórias.  
 – Mas é um abuso! – insistiu o fidalgo. – Eu, que sempre me bati pelas melhores causas, não merecia que me atraíssem deste modo (LOBATO, 2020, p. 50).

A passagem revela algo elementar, mas não menos importante: que a ficção pode ser mais vigorosa que a realidade, e que mesmo o mais imponente personagem romanescos pode cair na “tentação da verdade” quando transposto para o mundo real – vale dizer que, de certo modo, nos acostumamos a ver as personagens clássicas desfilarem pelo Sítio, mas que esse achado narrativo lobatiano precisa ser devidamente reconhecido. Dom Quixote sucumbe à verdade da ilusão histórica em sua loucura trágica ao cobrar veracidade na representação de Doré, mas é resgatado a tempo pela consciência livre de Dona Benta. A ficção implode na autoconsciência e a narração se mostra mais capaz de manter vivo o lastro da ilusão necessária, porque, afinal, Dom Quixote já está em uma nova história, sua figura já se renova na reinvenção, a poesia mais uma vez se mostra maior que a história. Nesse sentido não seria exagero dizer que a renovação da narração como transmissão – tomada aqui em seu sentido benjaminiano –, é um dos grandes feitos de Lobato. A palavra de Dona Benta guarda profundo respeito e sua transmissibilidade é um elemento fundamental no livro que estamos acompanhando. A lição da avó recolhe um quase clichê nietzschiano: não existem fatos, só interpretações.

A extensão desse livro de 1939 dentro do conjunto da obra não é novidade. Como mostra Mariana de Gênova em seu artigo “*O Picapau Amarelo: o espaço ideal e a obra-prima*” esse lugar destacado está ligado à prevalência da fantasia no livro, num momento em que Lobato teria arrefecido o tratamento de temas políticos e deixado seu engajamento de lado. No entanto, “aparentemente construída apenas com elementos de fantasia, Lobato insere crítica social, não de forma ostensiva, porém de maneira escondida/sombreada, efeito que o autor consegue através de um recurso frequente em sua obra [...]: a mescla de fantasia e realidade” (GÊNOVA, 2009, p. 412). Confirmando um traço fundamental para minha leitura, a autora não deixa de registrar que num livro anterior, onde fantasia e realidade se fundiam, *Reinações de Narizinho*, de 1931, “o trânsito pelo mundo da fantasia é privilégio das crianças, enquanto os adultos são confinados ao histórico” (GÊNOVA, 2009, p. 412). Para ela, *O*

*Picapau Amarelo* seria um passo à frente, já que nele “o mundo da fantasia deixa de ser privilégio das crianças” (GÊNOVA, 2009, p. 412).

O que chamei acima de consciência livre de Dona Benta, a autora considera como uma aceitação do fantástico como elemento da vida, o que vale como a confirmação de uma experiência coletiva que já deixara de ser *ou* real *ou* imaginada. Monteiro Lobato cria um espaço onde convivem, não sem graves tensões trágicas e dramáticas, a imaginação e a vida real; esta, diga-se de passagem, perdendo bastante terreno como fato dado, experiência histórica etc., ou seja, a ilusão é o princípio dominante em um espaço inscrito a partir do Brasil no conjunto da história literária. O engenho lobatiano é imenso. Na edição que utilizo aqui, da *Biblioteca Azul*, da Editora Globo, as guardas recolocam o mapa da edição de 1947 (sigo aqui e em vários momentos as informações colhidas no artigo de referência de Mariana de Gênova, já citado). Nele o Sítio não é o lugar de acolhimento de todas as narrativas mágicas, antes o vemos integrado ao conjunto das grandes obras do gênero, tanto como espaço geográfico como quanto narrativa autônoma. Seu pertencimento, claro, é deliberado pelo próprio autor, mas a penetração dessa obra na formação intelectual brasileira como uma referência quase unânime ao longo do século XX ainda precisa ser avaliada em profundidade, sobretudo a partir das discussões mais recentes sobre racismo e eugenia de Monteiro Lobato, debate que não está em primeiro plano aqui, mas que não posso negligenciar. No último tópico a seguir faço algumas observações sobre este ponto.

Vale considerar, por fim, e com atenção, uma linha de interpretação que vê *O Picapau Amarelo* como uma negação do progresso por parte desse Monteiro Lobato maduro, na casa dos cinquenta anos. Afinal a turma do Sítio, como metáfora do Brasil, se for o caso, deveria se opor aos poços de petróleo e à extração de minério de ferro, bandeiras que o autor havia defendido ao longo de toda sua vida e que ainda apareciam de modo otimista em *O poço do Visconde*, apenas dois anos antes? A se confirmar essa perspectiva – como se sabe, tudo é paradoxal e mutante em sua obra e personalidade –, Monteiro Lobato teria antevisto um dos lados de um conflito que seria levado às últimas consequências por Drummond, como demonstra José Miguel Wisnik em seu livro *Drummond e a mineração*, de 2018.

O viés é dos mais ricos porque através dele podemos considerar sem muitos temores um ponto de contato decisivo entre Lobato e Oswald de Andrade, que explicaria os elogios reiterados do modernista ao escritor de livros infantis. Lobato teria apontado no fim de sua obra para a ideia de um país onde a ilusão sempre estaria em oposição à racionalidade dura, onde o primitivismo fosse antes um elemento de afirmação que um passo atrás na marcha do progresso técnico, que a contribuição do Brasil era desviante, capenga mas, a seu modo,

original; como ser mais modernista ou para ser mais exato, antropofágico? O que é o Sítio do Picapau senão uma reconstrução literária reinventada a partir da história das narrativas mitológicas dentro da zona rural do Brasil? Lobato seria um modernista sem filiação, que teria escolhido o caminho mais espinhoso da contradição, da incorporação dos contrários antitéticos, da aceitação sobre a impossibilidade de um país uniforme?

#### 4.

Creio que vale aqui uma breve digressão para encerrar este texto. Não seria surpresa levantar os dados sobejamente conhecidos a respeito da penetração da obra de Monteiro Lobato na formação de parte significativa – talvez não fosse exagero falar mesmo na maioria – da dita *intelligentsia* brasileira, para então constatar que muitos dos nossos intelectuais e escritores não apenas leram Lobato mas fizeram dele uma referência fundamental; a lista não caberia no artigo. Esse dado é de conhecimento geral, isto é, não podemos tergiversar sobre o fato da obra literária de Monteiro Lobato ter se estabelecido como uma referência que vai de Oswald de Andrade até Pedro Bandeira. Muniz Sodré escreveu o seguinte no prefácio à primeira edição de um estudo chamado *Os filhos de Lobato*, de J. Roberto Whitaker Penteado

Trazer de volta à memória do público atual [a 1ª edição é de 1997, HB] o universo mágico do Sítio do Picapau Amarelo é outro mérito do trabalho de Penteado. Por que? Por causa da imensa contemporaneidade (“pós-modernidade”, diriam alguns) da obra de Lobato. Com efeito, a conciliação entre as formas intuitiva, racional e mágica de saber representadas por personagens como Emília, Visconde de Sabugosa e Tia Nastácia; *o multiétnico característico do grupo Picapau Amarelo; a democratização das relações intersubjetivas, sem que se escamoteiem os sentidos; a exaltação da busca de conhecimento por meio da aventura ou da viagem [...]* (SODRÉ, 2020, p. 16, os grifos são meus).

Não é casual que eu tome justamente Muniz Sodré como indicação, um intelectual negro cuja obra crítica foi dedicada, entre outras coisas, a explorar o tema do racismo no Brasil e que seja ele a destacar o caráter multiétnico da obra de Lobato, além de ver e defender nela a democratização das relações intersubjetivas. No primeiro caso, podemos ver claramente a diversidade expressa nas personagens [Dona Benta/Tia Nastácia, Pedrinho/Saci, Narizinho/Malazartes etc.], ainda que todas permaneçam presas aos lugares histórica e socialmente definidos pela escravidão e seus efeitos. Mas como avaliar a segunda afirmação, de democratização das relações desses sujeitos ficcionais socialmente apartados? A integração parcial de Tia Nastácia e Tio Barnabé no ambiente familiar seria o começo de uma emancipação da sombra daquele passado escravocrata ou o início da relação que produziria pouco depois a triste definição da empregada doméstica e do motorista negro como aquela pessoa tratada “como se fosse da família”, emblema de nossa vida social? São perguntas

difíceis de responder lendo Monteiro Lobato, mesmo que se faça isso atentamente, mas ainda mais difícil seria tentar encontrar uma saída se nos deixássemos levar por debates céleres destilados em jornais e, sobretudo, nas redes sociais.

Antes de qualquer coisa, é preciso assumir que seria impossível resumir aqui os dados estatísticos levantados por Penteadó em seu livro, que deveria ser revisitado neste momento acalorado do debate. Nele, o autor faz um levantamento amplo dessa penetração de Lobato na vida espiritual brasileira através de entrevistas e depoimentos de dezenas de intelectuais que se diziam influenciados, formados, definidos em grande medida graças às leituras da obra do criador do Sítio; os números impressionam. Apesar da minúcia, a análise dos dados apenas constata o que se pode encontrar em diversas entrevistas e textos que mencionam Monteiro Lobato entre as referências principais de formação intelectual e humanística de parte ampla de nossa casta literária e intelectual. Não gostaria de citar um ou outro nome, entre centenas, evitando assim justamente relações imprecisas e atravessadas por leituras apressadas e filiações tendenciosas.

A meu ver mais importante que tomar partido pró ou contra Lobato é fazer algumas perguntas: como podemos ler hoje esse “livro do Brasil” que foi e é o Sítio do Picapau Amarelo e a “obra adulta” em menor grau? Como um instantâneo realista de um momento pós-abolição ou como um forma ficcional de diluição de ideias de um autor racista e eugenista? Para levar às últimas consequências essa tensão dentro de um debate absolutamente necessário, consideremos por um momento que todas as suspeitas mais ou menos recentes sobre a acoplagem entre a personalidade do escritor e a obra, que serviria então para disseminar seu ideário racista, seja defensável, que no limite sejam verdadeiras; cientes da imensa penetração dessa obra no imaginário intelectual brasileiro ao longo do século XX, chegando até hoje, isso significa uma confirmação incontornável da complacência de quase todos os intelectuais do país com o racismo? O Sítio do Picapau Amarelo seria o retrato do Brasil, ao mesmo tempo racista e ilusório? Estamos diante de um dos maiores espelhamentos do racismo nacional em uma obra literária que está integrada à toda a fase de formação do Brasil contemporâneo? O silêncio do século XX sobre esse descalabro do humanismo é um sintoma indelével de nossa experiência coletiva?

### **Referências bibliográficas**

AGAMBEN, G. A ideia da linguagem. In: *A potência do pensamento: ensaios e conferências*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, pp. 23-32, 2017.

ANDRADE, O. O futurismo tem tendências clássicas. In: *Estética e política*. São Paulo: Globo, pp. 32-34, 2011a.

\_\_\_\_\_. O esforço intelectual do Brasil contemporâneo. In: *Estética e política*. São Paulo: Globo, pp. 39-53, 2011b.

\_\_\_\_\_. Informe sobre o modernismo. In: *Estética e política*. São Paulo: Globo, pp. 144-155, 2011c.

\_\_\_\_\_. Novas dimensões da poesia. In: *Estética e política*. São Paulo: Globo, pp. 156-174, 2011d.

\_\_\_\_\_. O modernismo. In: *Estética e política*. São Paulo: Globo, pp. 187-197, 2011e.

\_\_\_\_\_. Manifesto da Poesia Pau Brasil. In: *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo, pp. 59-66, 2011f.

\_\_\_\_\_. Carta a Monteiro Lobato. In: *Ponta de lança*. São Paulo: Globo, pp. 49-56, 2004.

ARISTOTE. *Poétique*. Introduction, traduction nouvelle et annotation de Michel Magnien. Paris: Le Livre de Poche, 1990.

ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A poética clássica*. São Paulo: Cultrix, 1997.

GÊNOVA, M. de. O Picapau Amarelo: o espaço ideal e a obra-prima. In: LAJOLO, M.; CECCANTINI, J. L. (Orgs.). *Monteiro Lobato, livro a livro*. São Paulo: Editora Unesp; Imprensa Oficial do Estado S/A, 2009.

LOBATO, M. *Reinações de Narizinho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

\_\_\_\_\_. *O Picapau Amarelo: um mundo de verdade e de mentira*. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul/Editora Globo, 2020.

MACHADO, A. M. Pais filhos e irmãos a fazer um país [prefácio]. In: PENTEADO, J. R. W. *Os filhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto*. São Paulo: Editora Globo, 2011.

NABUCO, J. *Minha formação*. Brasília: Senado Federal, 1998

PAES, J. P. Cinco livros do Modernismo brasileiro. In: *Estudos Avançados*, 2 (3), pp. 88-106, 1988.

PENTEADO, J. R. W. *Os filhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto*. São Paulo: Editora Globo, 2011.

SANTIAGO, S. Sobre plataformas e testamentos. In: *35 ensaios de Silvano Santiago*. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 486-502, 2019.



MUNIZ SODRÉ. Prefácio da primeira edição. In: PENTEADO, J. R. W. *Os filhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto*. São Paulo: Editora Globo, 2011.